

# ESTUDO DEMOGRÁFICO DE UMA PARÓQUIA ALGARVIA: CONCEIÇÃO DE TAVIRA (SÉCULOS XVIII E XIX)

---

A. de Faria Pinto

## Resumo

Este texto parte de uma pesquisa cujo objectivo principal foi conhecer os comportamentos demográficos de uma paróquia do Algarve (Conceição de Tavira), região de Portugal onde ainda não se tinha efectuado qualquer estudo baseado na exploração nominativa e sistemática dos registos paroquiais de baptismo, casamento e óbito, abrangendo os séculos XVIII e XIX. Dos resultados obtidos verificou-se que, no contexto peninsular, a paróquia ocupa uma posição intermédia entre os valores médios da Espanha interior e os da Espanha mediterrânica, distanciando-se claramente dos valores apresentados para a Espanha atlântica.

## Abstracts

This text departs from a research whose main objective was to know the demographic behaviours of a parish in Algarve (Conceição de Tavira), region of Portugal where people hadn't made yet any study based on the nominative and systematic exploitation of parochial registers of baptism, marriage and obit, including the 18<sup>th</sup> and 19<sup>th</sup> centuries. From the obtained results we observe that the parish occupies, in the peninsular context, an intermediate position between the medium values of inland Spain and Mediterranean Spain, clearly spaced from the values presented to the Atlantic Spain.

## Résumé

Ce texte part d'une recherche dont l'objet principal était de connaître les comportements démographiques d'une paroisse de l'Algarve (Conceição de Tavira), une région du Portugal où il n'avait pas encore été effectué d'étude sur l'exploration nominative et systématique des registres paroissiaux de baptême, mariage et décès, relatifs aux XVIII<sup>e</sup> et XIX<sup>e</sup> siècles. A partir des résultats obtenus, on vérifie que, dans le contexte péninsulaire, la paroisse occupe une position intermédiaire entre les valeurs moyennes de l'intérieur de l'Espagne et celles de l'Espagne méditerranéenne, se distinguant clairement des valeurs présentées pour l'Espagne atlantique.

## 1. Introdução

Este artigo é o resumo de uma tese de mestrado apresentada em Lisboa, no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, no dia 11 de Setembro de 1997, cujo objectivo principal foi conhecer os comportamentos demográficos de uma paróquia do Algarve, região de Portugal onde não se tinha efectuado ainda nenhum estudo desta natureza.

Este estudo baseou-se na exploração nominativa e sistemática dos registos paroquiais de baptismo, casamento e óbito, durante um período de tempo que abrange grosseiramente os séculos XVIII e XIX,<sup>1</sup> tendo sido utilizada a metodologia da reconstituição de paróquias, teorizada e desenvolvida por Norberta Amorim (1991).

## 2. O enquadramento geográfico e sócio-económico

A Conceição é uma das oito freguesias em que se divide actualmente o concelho de Tavira, ocupando uma extensa área geográfica, que se inicia no litoral, atravessa o barrocal e se prolonga pela serra.

---

1 O primeiro registo de baptismo é de 23 de Maio de 1686, o primeiro de casamento é de 31 de Agosto de 1695 e o primeiro de óbito é de 7 de Julho de 1765. Os registos posteriores a 1890 encontram-se ainda vedados à consulta pública. Os assentos de óbito apresentam um registo completo da mortalidade infantil, sendo frequente os redactores paroquiais indicarem os meses, os dias e até as horas de vida do falecidos.

A sua população encontrava-se dispersa por quintas, fazendas e montes, ocupando-se maioritariamente na agricultura, que se caracterizou pelo imobilismo dos processos de trabalho e das culturas e pela persistência de duas paisagens agrícolas distintas: a serrana, dominada pela cerealicultura extensiva, e a litoral, coberta de pomares de sequeiro.

A extrema divisão da propriedade não permitia aos pequenos proprietários ou rendeiros realizar grandes investimentos. Daí a não introdução de instrumentos agrários modernos, trabalhando-se a terra à enxada ou com o antigo arado de duas aivecas fixas.

Na serra a lavoura fazia-se roçando o mato e queimando-o sobre o chão. Estes métodos primitivos faziam com que, mesmo no litoral, onde os solos eram mais produtivos, os pequenos lavradores tivessem de trabalhar todo o ano para conseguirem pagar as suas rendas. Quanto aos proprietários rurais, o seu verdadeiro lucro provinha das oliveiras, alfarrobeiras, amendoeiras, figueiras e vinhas.

O minifúndio existente na serra teve origem no reconhecimento, em 1772, do direito de posse plena das terras cultivadas pelos colonos da serra de Tavira. Nos terrenos de maior aptidão agrícola do litoral situavam-se as propriedades de maior dimensão. Todavia, no século XIX, com o total ou parcial desmembramento dos grandes domínios senhoriais em courelas e fazendas (Cavaco, 1976: 132), estendeu-se ao litoral o predomínio da pequena propriedade.

Na orla marítima desta freguesia desenvolveu-se uma comunidade marítima, junto de uma barra natural, onde uma companhia para a pesca do atum, criada em Tavira no ano de 1732, aí construiu cabanas para alojamento sazonal dos seus pescadores, nuns terrenos baldios resultantes do enxugo de alagoas. Só na segunda metade do séc. XVIII, já depois da barra se ter deslocado mais para levante e o arraial ter sido abandonado, há indícios nos registos paroquiais de residentes permanentes. No entanto, a criação em 1773 da Companhia das Reais Pescarias, reduziu os rendimentos dos pescadores e acelerou a emigração de muitos deles para os portos andaluzes. Só na segunda metade do séc. XIX os mesmos registos paroquiais revelam um desenvolvimento significativo desta comunidade piscatória, em resultado da privatização da referida companhia pombalina, da liberalização em 1835 de toda a sorte de artes de pesca, e da fundação em 1846 de uma nova armação do atum nas proximidades deste lugar.

No entanto, mesmo nos finais do séc. XIX, esta gente do mar nunca se aproximou da importância numérica da gente do campo. Os registos paroquiais reflectem o enorme peso dos trabalhadores rurais e dos pequenos lavradores na composição social da freguesia. A estes grupos sociais seguiam-se, por ordem de importância numérica, os marítimos e, finalmente, num volume muito mais reduzido, os artesãos e o pessoal militar afecto à fortaleza. Ao longo de toda a observação só 29 indivíduos foram referenciados pelos párocos como sendo proprietários, o que revela não só o absentismo como a reduzida dimensão desse grupo social na freguesia da Conceição.

Farei agora uma breve exposição dos aspectos demográficos mais salientes, revelados por este estudo.

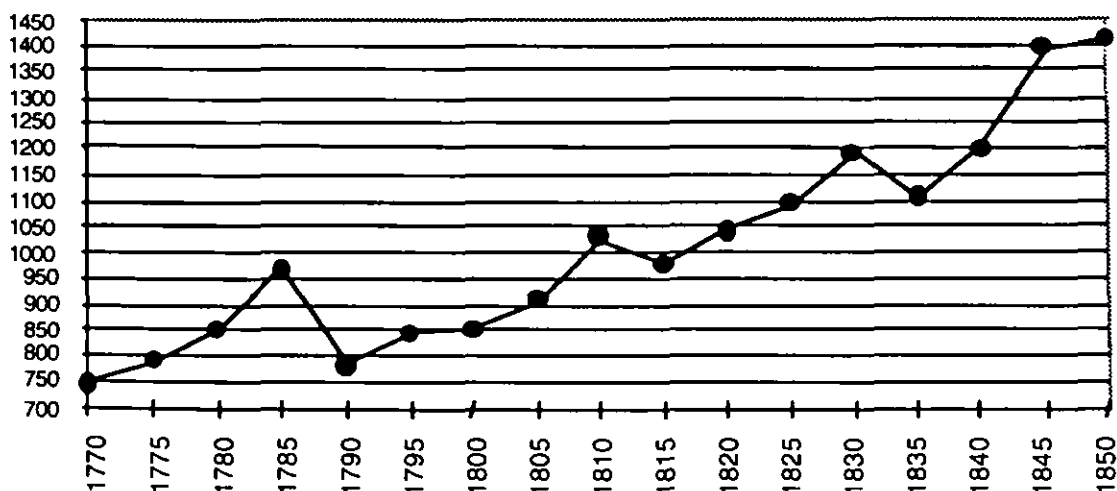
### 3. A evolução dos quantitativos populacionais

A primeira notícia histórica sobre os efectivos populacionais desta paróquia surge por volta de 1600, pela mão de Henrique Fernandes Sarrão, na sua *História do Reino do Algarve*, onde se refere à freguesia de N.<sup>a</sup> S.<sup>ra</sup> da Conceição para dizer que contava 150 fregueses.

Em meados do século XVIII, no *Dicionário Geográfico* manuscrito (1758), nas respostas ao questionário que lhe foi enviado o prior revela a existência de 242 vizinhos e 777 pessoas.

GRÁFICO 1

*Evolução do número de residentes*

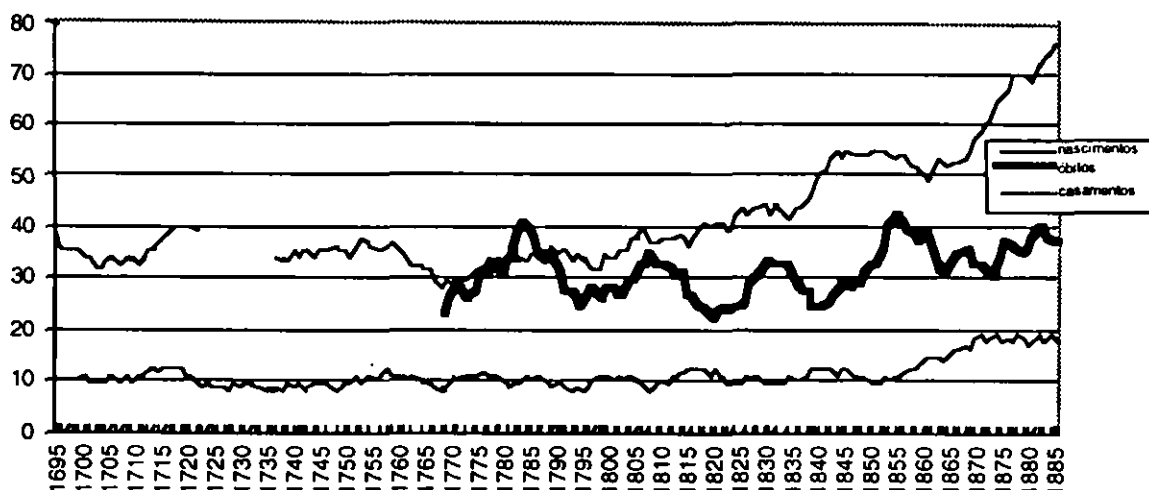


Entre 1770 e 1850, a estimativa dos residentes feita a partir da reconstituição da paróquia revela que a população desta freguesia quase duplicou, passando de 748 para 1413 habitantes.

Acompanhando a curva do gráfico podemos constatar um crescimento constante da população, interrompido pelas quebras de 1790, 1815 e 1835, a primeira relacionada com um período de especial sobremortalidade e as duas últimas com acontecimentos político-militares (invasões francesas e guerras liberais).

GRÁFICO 2

*Comparativo de nascimentos, casamentos e óbitos (médias móveis de 9 anos)*



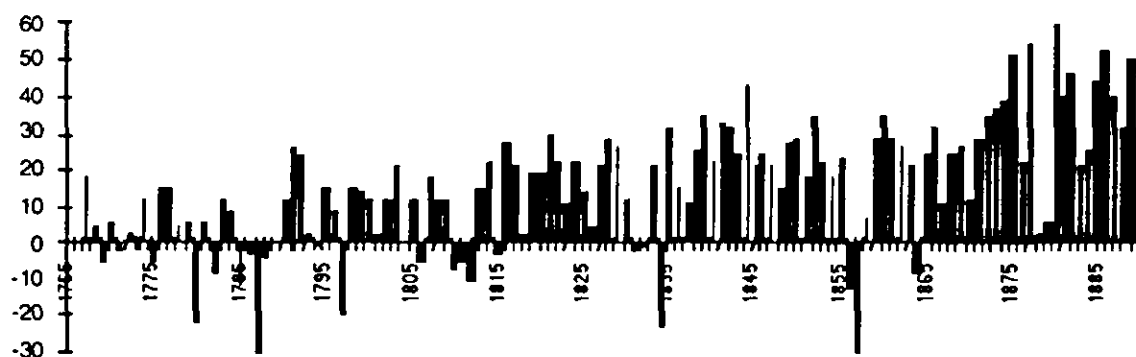
No movimento de baptizados distinguem-se dois períodos com alguma homogeneidade interna. O primeiro vai desde os finais do século XVII até 1820, e é caracterizado pela estagnação do número de baptizados, apresentando uma média de 35 nascimentos por ano. A partir de 1820 desenha-se um novo período que se prolonga até 1890, caracterizado pelo crescimento contínuo do número de baptizados, com uma média anual de 55 nascimentos. Esse crescimento torna-se particularmente acelerado nas duas últimas décadas estudadas. Como veremos adiante, para o crescimento contínuo dos nascimentos durante o século XIX concorreram dois factores: o aumento da sobrevivência até à idade de procriar e a diminuição da idade média das mulheres ao primeiro casamento durante a primeira metade desse século.

A curva dos casamentos acompanhou grosseiramente a curva dos nascimentos, mas apresenta uma evolução com oscilações

menos vincadas e com ritmos de mudança mais moderados. Continuando a procurar períodos com maior homogeneidade interna, verificamos uma relativa estabilidade durante o século XVIII, com uma média de 9 casamentos por ano, um ligeiro crescimento durante a primeira metade do século XIX, com uma média de 11 casamentos por ano, e um rápido aumento na segunda metade desse século, com uma média de 15 casamentos por ano. Este avolumar de agregados domésticos está associado ao desenvolvimento da actividade piscatória e ao crescimento de Cabanas, lugar da freguesia onde se concentrava a população ligada a essa actividade.

É também visível no gráfico a existência de dois períodos relativamente homogêneos na curva normalizada dos óbitos: até meados do século XIX houve uma média anual de 29 óbitos, subindo para 35 na segunda metade desse século, como reflexo natural do crescimento da população. Merece especial referência a década de 1780, em que a curva dos óbitos ultrapassou a curva dos nascimentos, mas a partir dessa década a distância entre as duas curvas acentuou-se progressivamente. A análise do saldo fisiológico permite detectar com maior nitidez a relação entre nascimentos e mortes.

GRÁFICO 3

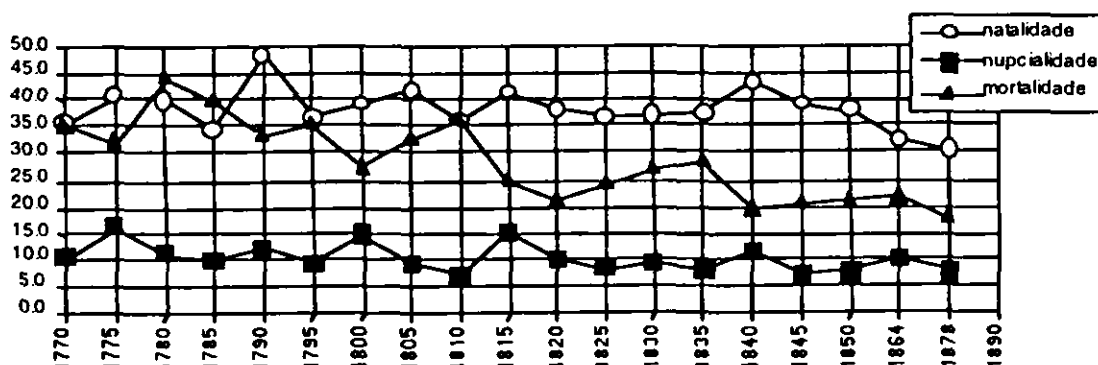
*Saldo fisiológico*

Entre 1765 e 1815 registaram-se quatro anos em que o número de mortes igualou o número de nascimentos e 16 anos em que se registou um saldo fisiológico negativo. Ou seja, em quase metade dos cinquenta anos deste período, o número de nascimentos não superou o número de mortes.

Entre 1815 e 1890, apenas em seis anos se verificaram saldos fisiológicos negativos, assistindo-se, durante estes setenta e cinco

GRÁFICO 4

Taxas brutas de natalidade, nupcialidade e mortalidade



anos, ao crescente distanciamento ente o número de nascimentos e o número de mortes e ao prolongamento dos saldos fisiológicos positivos por períodos de tempo cada vez mais longos.

As taxas brutas de natalidade<sup>2</sup> atingiram o seu pico máximo em 1790, como reacção à sobremortalidade verificada na década de 1780, mantendo até meados do século XIX uma relativa estabilidade, perspectivando-se a partir daí, uma descida do seu valor.

As taxas brutas de nupcialidade revelam uma grande regularidade durante todo o período observado, sofrendo uma diminuição pouco significativa a partir de 1820.

As taxas brutas de mortalidade são as que apresentam oscilações mais acentuadas, aproximando-se e ultrapassando algumas vezes as taxas de natalidade até 1810, mas distanciando-se nitidamente a partir dessa data.

Fazendo fé no recenseamento de 1890, entre 1770 e essa data a população residente na Conceição de Tavira triplicou, passando de 748 para 2225 habitantes. No seu ritmo de crescimento, esquecendo as variações conjunturais e centrando a análise em períodos de tempo mais longos, podemos distinguir duas fases nesses cento e vinte anos observados: uma de 1770 até 1820, com uma taxa média anual de crescimento de 0,8%, e outra de 1820 a 1890, em que a taxa média de crescimento anual duplicou (1,6%).

A partir de 1864, as contagens periódicas da população feitas pelo Estado, indicam para esta freguesia os seguintes quantitativos populacionais:

2 O cálculo das taxas brutas foi realizado com base nos efectivos populacionais por nós estimados e nos indicados pelos censos de 1864 e 1878.

QUADRO 1

<i>Anos</i>	<i>Habitantes</i>
1864	1680
1878	2249
1890	2225
1900	2432
1911	2773
1920	2405
1930	3032
1940	3314
1950	3327
1960	2971
1970	2691
1981	2686

Segundo estes números, entre 1864 e 1950 a população desta freguesia quase duplicou, apesar da forte quebra verificada durante a segunda década deste século. Nos anos cinquenta e sessenta verifica-se novamente uma diminuição significativa do número de habitantes. Nos anos setenta esta tendência depressiva parece ter sido estancada em consequência do início do aproveitamento turístico desta região.

#### 4. A nupcialidade

No campo da nupcialidade,<sup>3</sup> o comportamento da população da Conceição de Tavira caracterizou-se essencialmente pela precocidade matrimonial das mulheres e pelo acesso generalizado dos dois sexos ao casamento.

No caso dos homens, a idade média ao primeiro casamento manteve-se nos 25 anos até meados do século XIX, passando para 28 anos e meio na segunda metade desse século.

---

<sup>3</sup> Entre 1700 e 1889 realizaram-se nesta paróquia 2118 casamentos. Destes, conhecemos a data do fim da união em 687 casos, as datas de nascimento da mulher em 1287 casos e as datas de nascimento do homem em 937 casos.



**QUADRO 2**

*Idade Média ao primeiro casamento (Observação transversal)*

	<i>Homens</i>		<i>Mulheres</i>	
	<i>Nº Obs.</i>		<i>Nº Obs.</i>	
1737-1799	193	25.8	297	23.8
1800-1849	230	25.4	335	22.5
1850-1889	298	28.5	397	24

No caso das mulheres, a idade média ao primeiro casamento variou entre os 22 anos e meio e os 24 anos, e caracterizou-se pela sua estabilidade: em qualquer dos períodos observados, o grupo etário dos 20 aos 24 anos foi o que registou sempre o maior número de casamentos, logo seguido do grupo etário dos 15 aos 19 anos.

**QUADRO 3**

*Repartição proporcional por grupos de idade ao primeiro casamento*

	<i>HOMENS</i>			<i>MULHERES</i>		
	<i>1737-99</i>	<i>1800-49</i>	<i>1850-89</i>	<i>1737-99</i>	<i>1800-49</i>	<i>1850-89</i>
<15	0	0	0	0	2	0
15-19	7	12	1	22	28	24
20-24	45	44	26	49	44	43
25-29	30	29	44	15	21	21
30-34	11	8	17	8	4	7
35-39	4	3	6	4	1	2
40-44	2	2	5	2	0	2
45-49	1	1	1	0	0	1
>50	0	1	0	0	0	0
Total	100	100	100	100	100	100

A maior precocidade ao casamento verificou-se nas filhas dos marítimos que casaram cerca de dois anos mais cedo que as filhas dos trabalhadores e lavradores. Embora de forma menos acentuada, o mesmo se passou com os seus irmãos, que mantiveram a mesma posição relativa. O casamento mais tardio verificou-se nos filhos dos lavradores, que casaram quase dois anos mais tarde que os filhos dos trabalhadores rurais, ao contrário das suas irmãs, que casaram mais cedo que as filhas desses mesmos trabalhadores.

## QUADRO 4

*Idade média ao primeiro casamento. Comportamento diferencial. Séc. XIX*

	<i>Homens</i>		<i>Mulheres</i>	
	<i>nºObs.</i>	<i>%</i>	<i>nºObs.</i>	<i>%</i>
Lavradores	191	28.4	262	23.4
Trabalhadores	101	26.6	166	23.8
Marítimos	86	26	105	21.8
População	802	26.6	1172	23.3

Em conjugação com a baixa idade média ao primeiro casamento, existiu na Conceição de Tavira um regime de acesso generalizado ao matrimónio. O celibato definitivo, tanto nos homens como nas mulheres, foi quase inexistente durante os dois séculos considerados.

## QUADRO 5

*Celibato definitivo. Observação transversal. (Indivíduos com mais de 50 anos)*

	<i>Homens</i>			<i>Mulheres</i>		
	<i>Totais</i>	<i>Solteiros</i>	<i>%</i>	<i>Totais</i>	<i>Solteiras</i>	<i>%</i>
1765-1849	114	3	2.6	124	5	4
1850-1889	108	6	5.6	91	4	4.4

A facilidade no acesso ao matrimónio revela-se também no recasamento, que assumiu nesta freguesia uma expressão mais significativa que noutras regiões do país. A percentagem de viúvos no conjunto dos enlances matrimoniais foi de 28%, 19% e 13,3%, no século XVIII, primeira metade do século XIX, e segunda metade do século XIX, respectivamente. A percentagem de viúvas, nos mesmos períodos, foi de 18,5%, 15,4% e 8,6%.

O número de casamentos em que um dos noivos é do exterior, em qualquer dos períodos considerados, foi sempre superior ao número de casamentos entre naturais, revelando a existência de uma considerável exogamia geográfica, bastante maior do que a encontrada por Brettell (1991: 156) para S.ta Eulália (Minho) onde, «desde, pelo menos 1700, um quarto a um terço de todos os casamentos celebrados na freguesia foi contraído por uma noiva da freguesia e um noivo que o não era, e vice-versa». Na Conceição de Tavira metade dos casamentos entre noivos solteiros realizaram-se nessas condições.

## 5. A fecundidade

No campo da fecundidade,<sup>4</sup> o aspecto mais relevante é, sem dúvida, a reduzida dimensão da ilegitimidade.

QUADRO 6  
*Filiação ilegítima*

	<i>Total de casos</i>	<i>Total de nascimentos</i>	<i>% de ilegitimidade</i>
Até 1799	100	3797	2,6
1800-1849	32	2150	1,5
1850-1889	63	2471	2,5

Tanto no século XVIII como no século XIX a percentagem de filhos ilegítimos nunca atingiu os três por cento, bastante inferior à encontrada nas paróquias transmontanas, minhotas e açoreanas, e que pode ser considerada irrisória, sobretudo se comparada com os valores encontrados nas paróquias minhotas, onde este comportamento teve uma expressão singularmente elevada.

A menor percentagem de ilegítimos registou-se na primeira metade do século XIX, em conformidade com a idade média das mulheres ao primeiro casamento, que nessa época foi a mais baixa de todos os períodos. Apesar das oscilações destes dois comportamentos serem pouco acentuadas, as curvas que representam a sua evolução nos três períodos, são quase paralelas.

O grupo etário dos 20 aos 24 anos foi o que registou maior número de mães solteiras com filhos ilegítimos, seguido do grupo etário dos 15 aos 19 anos. Grande parte dos filhos ilegítimos corresponderam a concepções pré-nupciais, tendo em conta que mais de metade das mães casaram, ou voltaram a casar, posteriormente à maternidade ilegítima.

---

4 Nos livros de baptismo da Conceição de Tavira constam, entre 1686 e 1889, um total de 8418 nascimentos, número inferior ao real, tendo em conta que as páginas referentes aos baptizados realizados entre 1727 e 1832 foram arrancadas dos respectivos livros de registo.

QUADRO 7

*Intervalos intergenésicos inferiores a 8 meses. (Todas as mulheres)*

	Total de casos	%	Interv. médio	Interv. <=3meses	
			Meses	Nº de casos	%
Até 1799	30	5,6	4,2	13	43,3
1800-1849	29	8,2	4,28	10	34,5
1850-1889	46	10,7	4,7	13	28,3

Dimensão igualmente reduzida tiveram as concepções antes do casamento, cuja percentagem, apesar do seu gradual aumento durante o século XIX, se manteve sempre bastante inferior às registadas nas paróquias do Sul do Pico e do Minho.

As taxas de fecundidade legítima não sofreram variações significativas nos dois séculos observados, e apesar de se enquadrarem nos padrões normais conhecidos, são genericamente mais baixas do que as encontradas nas paróquias minhotas e açoreanas.

QUADRO 8

*Taxas de fecundidade legítima por grupos de idades e descendência**(20 aos 49 anos)(mil mulheres)*

	nºobs	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49	D.T.
Até 1799	179	170	339	390	370	301	151	14	7,8
1800-49	225	318	389	377	349	290	158	24	7,9
1850-89	69	435	377	371	340	304	123	28	7,7

A maior taxa de fecundidade verificou-se no grupo etário dos 25-29 anos durante o século XVIII, no grupo etário dos 20-24 anos durante a primeira metade do século XIX, e no grupo etário dos 15-19 anos na segunda metade do século XIX.<sup>5</sup>

A descendência teórica situou-se próxima dos oito filhos, e manteve-se constante nos dois séculos. Se conjugarmos este dado com as pequenas oscilações dos níveis de fecundidade em cada grupo etário no conjunto dos três períodos, não parece haver indícios de

<sup>5</sup> A progressiva anterioridade do grupo etário onde se verificou a maior fertilidade poderá ser um indício do progressivo adiantamento da 'menarca'.

qualquer prática de limitação voluntária da natalidade. Esta hipótese é reforçada pela idade média da mãe ao nascimento do último filho, que revela a mesma regularidade dos indicadores anteriores: desde o princípio do século XVIII até ao final do século XIX, as mulheres deixaram de conceber por volta dos 40 anos e cinco meses, uma idade ligeiramente inferior à encontrada no Sul do Pico (41,4) até 1880,<sup>6</sup> e em Alvito (41,1) até 1899.<sup>7</sup>

No século XVIII, 40% das famílias tiveram mais de 4 filhos, e no século XIX essa percentagem passou para 44%, ou seja, no século XIX aumentaram ligeiramente as famílias com 5 e 6 filhos e reduziram-se as famílias com 3 e 4 filhos.<sup>8</sup>

O efeito positivo exercido pela precocidade matrimonial das mulheres sobre o número médio de filhos foi limitado pela curta duração média dos casamentos. Em qualquer dos dois séculos considerados, a duração das uniões rondou os 20 anos, um comportamento muito distinto do verificado nas paróquias do Sul do Pico onde, «antes de 1800, a duração média dos casamentos foi de 27,3 anos, subindo para 30,2 anos nas primeiras décadas do século XIX, para se colocar posteriormente, até ao início do século XX, à volta dos 33 anos» (Amorim, 1992: 148), e muito diferente também do verificado em Alvito S. Pedro onde, entre 1750 e 1899, a duração média das uniões foi de 29,6 anos (Miranda, 1993: 130).

## 6. A mobilidade

No campo da mobilidade, os aspectos mais salientes são o significativo peso dos não-naturais no conjunto da população residente e a sangria populacional provocada pela elevada movimentação dos naturais para fora da paróquia.

Entre 1770 e 1820, um quinto da população residente era originária do exterior, e em meados do século XIX, apesar da gradual diminuição do seu peso relativo, essa percentagem era ainda de 15%. A diminuição percentual dos não-naturais acompanha o

---

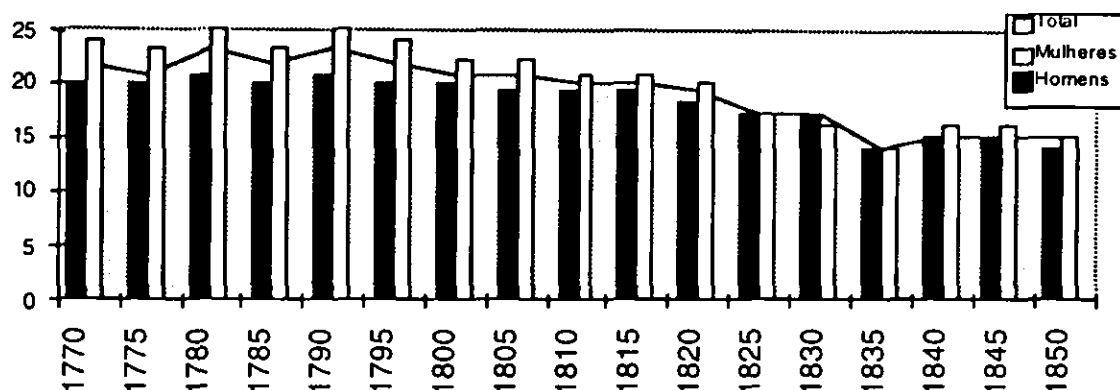
6 Norberta Amorim (1992: 132).

7 Fernando Miranda (1993: 117).

8 Eliminando da observação todas as famílias que não completaram o seu ciclo fecundo em convivência conjugal, a média de filhos por família foi muito idêntica nos dois séculos: 6,19 para o século XVIII e 6,21 para o século XIX.

GRÁFICO 5

Percentagem de não-naturais



aumento sucessivo da população, ou seja, à maior pressão demográfica sobre os recursos naturais foi correspondendo uma menor atracção da paróquia sobre o exterior. No entanto, estes valores revelam um elevado grau de abertura da paróquia, se comparados com o Sul do Pico onde, sensivelmente no mesmo período, a percentagem de residentes não-naturais nunca atingiu os 7% (Amorim, 1992: 176).

Este volume de ingressos, apesar de considerável, só parcialmente compensava o volume de saídas: cerca de 40% do total de nascidos na Conceição de Tavira, entre 1770 e 1810, em diferentes fases das suas vidas, acabaram por sair definitivamente da paróquia.

QUADRO 9

Migração por gerações (%)

	emigração<20		emigração=20 (%/total)		emigração=20 (%/resident.)		emigração>20		Total	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
1770	35	35	9	5	39	18	5	7	49	47
1780	34	39	8	6	29	27	4	5	46	50
1790	35	24	6	6	20	11	5	7	46	36
1800	25	31	7	4	16	11	5	5	37	40

A distribuição dessas saídas por sexos foi globalmente equilibrada, mas diferenciada na emigração isolada, onde se verificou uma maior saída de homens, e na emigração depois de constituir família, em que se verificou uma maior saída de mulheres.

A maioria das saídas, tanto masculinas como femininas, verificou-se num quadro de dependência familiar, evidenciando o predomínio de uma mobilidade de curta ou média distância.

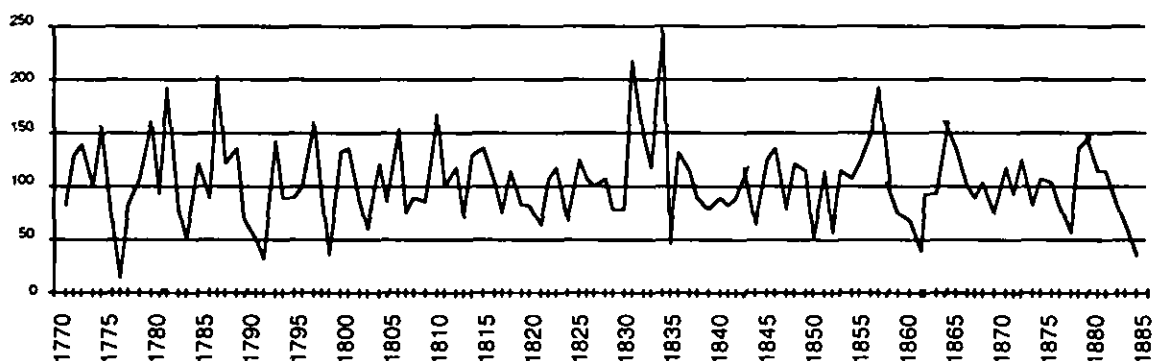
Este movimento de entradas e de saídas, pela sua amplitude, teve um papel muito importante como elemento regulador do equilíbrio demográfico desta freguesia.

## 7. A mortalidade

A mortalidade<sup>9</sup> na Conceição de Tavira esteve longe da suavidade que parece ter caracterizado este fenómeno em terras do Minho e dos Açores, indiciando para o Sul de Portugal maiores dificuldades de sobrevivência do que as verificadas naquelas regiões do país.<sup>10</sup>

GRÁFICO 6

*Sobremortalidade dos maiores de 7 anos*



Considerando como crises graves as que quadruplicam o número de mortes de um ano normal (Bacci, 1984: 76), não houve na Conceição de Tavira nenhuma grande crise de mortalidade, pelo

---

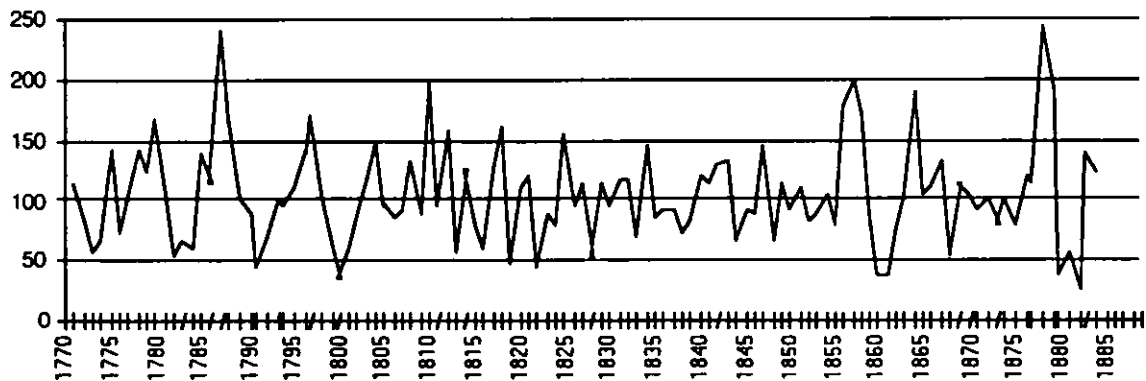
9 O estudo da mortalidade baseou-se num total de 3857 registos de óbito, dos quais 1986 se referem a indivíduos do sexo masculino, 1881 a indivíduos do sexo feminino e 8 de sexo indeterminado. Conhecemos a data de nascimento de 2673 desses falecidos.

10 Para detectar e classificar os anos de sobremortalidade, calculei as médias móveis de grupos de onze anos, aos quais retirei os dois valores mais altos e os dois mais baixos, considerando como anos de sobremortalidade todos aqueles cujo número de mortes foi superior em mais de 50% ao valor da média móvel respectiva.

menos entre 1771 e 1884. Ao longo do período observado, apenas em 1787, 1831 e 1834 se duplica a mortalidade da respectiva média móvel. Em contrapartida, as pequenas crises foram frequentes, sendo os períodos de maior acalmia os que mediaram entre 1810 e 1830 e entre 1835 e 1855. No século XIX, se exceptuarmos os anos da guerra civil, houve uma menor intensidade e frequência da sobremortalidade.

GRÁFICO 7

*Sobremortalidade dos menores de 7 anos*



Na população menor de sete anos verificou-se uma maior frequência e intensidade das pequenas crises. Por três vezes (em 1787, em 1818 e em 1878) o número de óbitos duplicou a respectiva média e por 16 vezes foi superior em mais de 50% aos valores da mortalidade normal. Nota-se também um maior prolongamento das crises, enquanto na mortalidade acima dos sete anos elas são mais rapidamente debeladas.

Na evolução da mortalidade durante o primeiro ano de vida é evidente a existência de duas fases distintas nesse fenómeno: uma até 1820, com uma pernilagem média de 234 mortes, e outra a partir dessa década, com uma redução do nível de mortalidade para 158 mortes em mil nascidos.

Confrontando os valores da mortalidade até aos quinze anos com os da mortalidade infantil, ressalta a particular intensidade desse fenómeno durante o primeiro ano de vida. Em média morriam tantas crianças no primeiro ano de vida como nos restantes catorze.

Tal como na Espanha mediterrânica, encontramos indícios da transição da mortalidade, a partir de 1820, década a partir da qual se



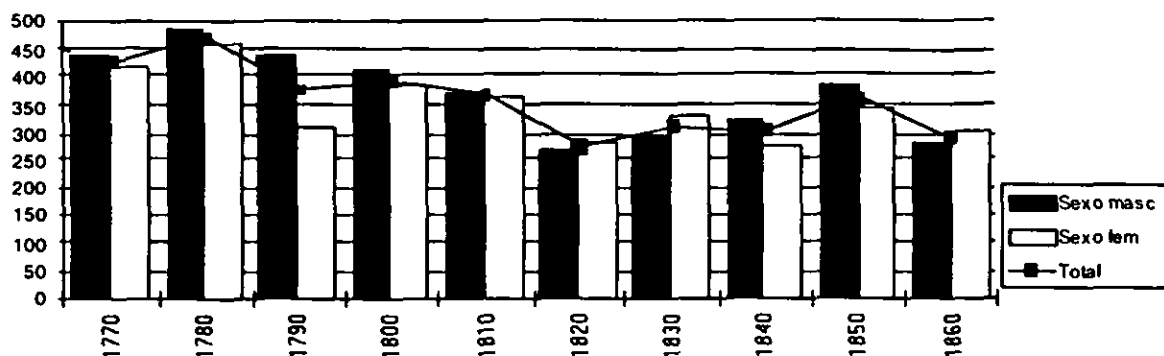
**QUADRO 10**

*Mortalidade infantil*

	Nascimentos			Emigrados			Óbitos			Quoc. mortalidade		
	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T
1770	163	154	317	11	17	28	33	34	67	210	234	221
1780	169	171	340	10	9	19	43	45	88	262	270	266
1790	186	149	335	12	8	20	49	15	64	272	103	197
1800	184	190	374	7	15	22	44	30	74	244	164	204
1810	195	180	375	9	7	16	48	42	90	252	238	245
1820	208	227	435	13	10	23	22	36	58	109	162	137
1830	212	214	426	13	10	23	29	32	61	141	153	147
1840	283	257	540	15	14	29	44	31	75	160	124	143
1850	268	266	534	17	18	35	52	40	92	200	156	178
1860	277	247	524	25	13	38	43	31	74	163	129	147
1870	358	288	646	36	31	67	63	34	97	185	125	158

**GRÁFICO 8**

*Mortalidade infanto-juvenil (0-14)*



dá uma significativa redução da mortalidade infantil e infanto-juvenil. Na Conceição de Tavira, entre 1770 e 1820, uma média de 400 crianças em mil não chegavam à idade da procriação. Depois dessa década essa média baixou para 300 em mil, o que contribuiu para o crescimento mais acelerado da população, verificado nesse período.

A esperança de vida à nascença das gerações nascidas na viragem do século XVIII para o século XIX foi de 34,9 anos para os homens e 37,56 anos para as mulheres. Apesar da esperança de vida à nascença ser favorável ao sexo feminino, logo a partir do primeiro ano de vida ela passou a beneficiar os rapazes, que tendo sofrido uma maior selecção durante esse primeiro ano, foram menos

## QUADRO 11

*Tábua de mortalidade. Gerações nascidas de 1780 a 1810.*

Idade	Sobreviventes			Quociente de mortalidade			Esperança de vida		
	Masc	Fem	Tot	Masc	Fem	Tot	Masc	Fem	Tot
0	1000	1000	1000	267,64	187,80	228,81	34,90	37,56	36,17
1	732	812	771	80,52	67,16	73,70	46,47	45,13	45,75
5	596	668	631	9,76	21,47	15,79	52,72	50,51	51,55
10	571	627	598	6,99	9,87	8,47	49,98	48,70	49,29
15	551	608	579	3,71	0,00	1,79	46,72	45,12	45,87
20	541	595	567	9,20	8,66	8,92	42,56	41,04	41,74
25	519	575	546	6,51	0,00	2,98	39,22	37,40	38,25
30	499	541	519	7,25	25,72	1,04	35,75	34,51	35,10
35	491	513	501	0,00	14,65	7,41	31,26	31,33	31,29
40	476	486	481	23,90	0,00	12,07	27,14	27,93	27,53
45	449	466	457	9,05	17,39	13,30	23,64	24,01	23,82
50	408	417	412	10,20	40,40	25,38	20,78	21,58	21,17
55	383	383	382	45,20	55,25	50,28	16,94	18,37	17,64
60	348	322	334	13,51	28,57	20,83	13,50	16,35	14,86
65	324	279	301	44,78	53,57	48,78	9,32	13,36	11,18
70	249	239	244	61,86	21,51	42,11	6,21	10,24	8,17
75	136	202	169	127,66	27,40	66,67	4,34	6,65	5,69
80	53	106	80	666,67	64,52	285,71	1,94	5,12	3,99
85	12	56	33	0,00	142,86	125,00	1,50	3,07	2,88
90	0	8	4		0,0	0,00		1,50	1,50
91	0	8	4		1000,00	1000,00		0,50	0,50

atingidos pela morte nos seis anos seguintes. Esse facto, e o elevado número de mortes causadas pelo parto explicam que só depois dos 35 anos as mulheres voltassem a ter uma esperança de vida superior à dos homens.

Os quocientes da mortalidade infanto-juvenil verificados nesta freguesia, assim como a esperança de vida e a duração média das uniões, são suficientemente ilustrativos do travão exercido pela mortalidade sobre o crescimento demográfico.

## 8. Conclusão

No processo da evolução demográfica desta freguesia, podemos distinguir três fases, que correspondem grosseiramente à segunda

metade do século XVIII, primeira metade do século XIX e segunda metade do século XIX.

A primeira fase, a que podemos chamar de *estagnação*, caracterizou-se pela estabilidade dos efectivos populacionais, provocada essencialmente pelas elevadas taxas de mortalidade e pela frequência dos anos de sobremortalidade.

A segunda fase, a que podemos chamar de *transição*, caracterizou-se pelo crescimento moderado da população, permitido pelo adiantamento da idade média das mulheres ao casamento e pelo início da queda da mortalidade.

A terceira fase, a que podemos chamar de *explosão*, caracterizou-se pelo crescimento rápido da população, em consequência da progressiva diminuição das taxas de mortalidade, e pela permanência de taxas de natalidade ainda elevadas.

De todas as variáveis, a mortalidade revelou-se a mais determinante na marcação do ritmo de crescimento demográfico desta freguesia.

No contexto peninsular, tendo como referência a síntese de alguns indicadores demográficos feita por Manuel Ardit (1995), os resultados obtidos na Conceição de Tavira ocupam, genericamente, uma posição intermédia entre os valores médios apresentados para a Espanha interior e os valores médios apresentados para a Espanha mediterrânica, distanciando-se claramente dos valores apresentados para a Espanha atlântica.

## Fontes impressas e bibliografia

- AMORIM, Maria Norberta, 1987, *Guimarães de 1580 a 1819. Estudo Demográfico*, Lisboa: INIC.
- AMORIM, Maria Norberta, 1991, «Emigração - uma variável demográfica influente. O comportamento de gerações nascidas no Sul do Pico entre 1740 e 1890», *Ler História*, 22, 3-18.
- AMORIM, Maria Norberta, 1991, *Uma metodologia de reconstituição de paróquias*, Braga: Universidade do Minho.
- AMORIM, Maria Norberta, 1992, *Evolução demográfica de três paróquias do Sul do Pico. 1680-198*, Braga: Universidade do Minho.
- ANICA, Arnaldo Casimiro, 1993, *Tavira e o seu termo. Memorando Histórico*, Tavira: Câmara Municipal de Tavira

- ARDIT, Manuel, 1995, «Microanálisis demográfico en larga duración: el caso de España», in *Pré- Actas do IV Congresso da ADEH*, Múrcia: polí-copiado
- BACCI, Massimo Livi, 1984, «Crises de mortalidade: definição, métodos de cálculo, análise das consequências», in Maria Luiza Marcílio (org.), *População e Sociedade. Evolução das sociedades pré-industriais*, Petrópolis: Vozes, 69-109.
- BASTOS, Cristiana, 1993, *Os Montes do Nordeste Algarvio*, Lisboa: Cosmos
- BIDEAU, Alain, 1984, «Mecanismos auto-reguladores de populações tradicionais», in Maria Luiza Marcílio, org.), *População e Sociedade. Evolução das sociedades pré-industriais*, Petrópolis: Vozes, 47-68.
- BRANDÃO, M. Fátima e Rui FEIJÓ, «Entre textos e contextos: os estudos de comunidade e as suas fontes históricas», *Análise Social*, XX(83), 489-503.
- BRETTELL, Caroline B., 1991, *Homens que partem, mulheres que ficam. Consequências da emigração numa freguesia minhota*, Lisboa: D. Quixote.
- CAVACO, Carminda, 1976, *O Algarve Oriental. As vilas, o campo e o mar*, 2 vols., Faro: Gabinete do Planeamento da Região do Algarve.
- CHAUNU, Pierre, 1974, *Histoire: science sociale (La durée, l'espace et l'homme à l'époque moderne)*, Paris: SEDES.
- DUPÂQUIER, Jacques, 1979, *La population rurale du Bassin Parisien à l'époque de Louis XIV*, Paris: EHESS.
- DUPÂQUIER, Jacques, 1984, «Demografia Histórica e História Social», in Maria Luiza Marcílio (org.), *População e Sociedade. Evolução das sociedades pré-industriais*. Petrópolis: Vozes, 25-46.
- FLINN, Michael W., 1989, *El sistema demográfico europeo. 1500-1820*, Barcelona: Ed. Crítica. (1ªed. 1981).
- HENRY, Louis, 1988, *Técnicas de Análise em Demografia Histórica*, Lisboa: Gradiva. (1ªed. 1980).
- LOPES, João Baptista da Silva, 1988, *Corografia ou memória económica, estatística e topográfica do Reino do Algarve*, 2 vols., Faro: Algarve em Foco., 1ªed. 1841).
- MAGALHÃES, Joaquim Romero, 1988, *O Algarve económico (1600-1773)*, Lisboa: Ed. Estampa.
- MIRANDA, Fernando A. Silva, 1993, *Estudo demográfico de Alvito S. Pedro e Anexa. 1567-1989*, Barcelos: Junta de Freguesia de Alvito S. Pedro.
- MOREDA, Vicente Pérez, 1980, *Las crisis de mortalidad en la España interior. Siglos XXVI-XIX*, Madrid: Ed. siglo veintiuno.
- NOIN, Daniel, 1983, *La transition démographique dans le monde*, Paris: PUF.

- PICÃO, José da Silva, 1983, *Através dos Campos. Usos e costumes agrícola-alentejano*, Lisboa: D. Quixote. (1ªed.1903).
- ROCHA, Maria Manuela, 1994, *Propriedade e níveis de riqueza. Formas de estruturação social em Monsaraz na primeira metade do século XIX*, Lisboa: Cosmos.
- ROWLAND, Robert, 1984, «Sistemas familiares e padrões demográficos em Portugal: questões para uma investigação comparada», *Ler História*, 3, 13-32.
- ROWLAND, Robert, 1988, «Sistemas matrimoniales en la Península Ibérica (siglos XVI-XIX). Una perspectiva regional», in Vicente Pérez Moreda e David-Sven Reher (eds.), *Demografía histórica en España*. Madrid: Ed. el Arquero, 72-137.
- ROWLAND, Robert, 1991, «Emigración, estructura y región en Portugal (siglos XVI-XIX)», in António Eiras Roel (cord.), *Emigración española y portuguesa a América*. Actas do II Congresso da ADEH (Abril de 1990), vol.1, Alicante: Inst. de Cultura Juan Gil Albert.
- SILVA, Álvaro Ferreira, 1993, «Formas de organização do grupo doméstico no hinterland de Lisboa: um estudo sobre condutas diferenciais», *Boletín de la Asociación de Demografía Histórica*, XI, 2, 11-54.
- VIDIGAL, Luis, 1993, *Câmara, Nobreza e Povo. Poder e Sociedade em Vila Nova de Portimão (1755-1834)*, Portimão: Câmara Municipal de Portimão.
- WRIGLEY, E. Anthony, 1985, *História y población. Introducción à la demografía histórica*, Barcelona: Ed. Crítica.